

EROTIZAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO MIDIÁTICO

SILVA, Claudilene Rosa da*

DE MARCO, Taisa Trombetta**

D'AGOSTINI, Fabiana Piccoli ***

SCHLÖSSER, Adriano****

Resumo

Este artigo aborda aspectos relativos ao tema da infância, sexualidade infantil e erotização, estimulados pelos meios de comunicação (televisão e redes sociais), demonstrando a capacidade e consequências do poder de persuasão da mídia na formação de valores nas crianças. Aponta a vulnerabilidade do público infantil diante da mídia, constantemente exposto através das propagandas, filmes, novelas, roupas, concursos, que estimulam precocemente o desenvolvimento sexual das crianças, não respeitando as etapas de desenvolvimento emocional e biológica. Quanto à metodologia, é um estudo de cunho qualitativo e exploratório, de fonte secundária, baseado em levantamento bibliográfico. Quando assumido dessa forma, a pesquisa é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados na internet.

Palavras-chave: Infância. Sexualidade. Mídia.

1 INTRODUÇÃO

A palavra infância é derivada do latim "creantia", que significa um ser humano que inicia o seu desenvolvimento, começando com o nascimento até o 12º ano (CREI, 2017). É caracterizada como uma etapa de desenvolvimento físico, psicológico e social que influenciará o comportamento do indivíduo.

Para Cezimbra (1999, p. 7) a infância é “Caracterizada como o período de proteção ao aprendiz. No Brasil, parece não haver uma inserção entre liberdade e o limite de proteção”. Ao contrário, a defesa e a liberdade ao direito a infância das crianças está sendo roubada. Nesse cenário, cresce a ansiedade dos pais, instigada pela violência sexual infantil, pela pedofilia e nas classes baixas, a prostituição infantil.

A forma distinta através da qual a infância adentra a esfera pública, ocupa um campo de disputa comercial entre as políticas públicas, incluindo marcos legais nacionais e internacionais, entre eles a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (LAHIRE, 2005; ROSEMBERG, ANDRADE, 2007 apud MARIANO, 2010).

A infância recebeu, na atualidade, um papel de destaque em meio à modernização, exigindo tempo das crianças para realizarem atividades diversas (QVORTRU, 2001 apud ROSEMBERG, MARIANO, 2010).

A infância é tida como uma construção social, dependente do contexto intelectual e social em que está inserida (ARIÉS, 1961 apud ROSEMBERG, MARIANO, 2010). A Ciências Humanas e Sociais consideram a infância como um objeto que as pertence, ao mesmo tempo tentando descontinuar o modelo “desenvolvimentalista” da Psicologia - por exemplo, o piagetiano - que estimula a propagação da formação definida da racionalização adulta (JENKS, 2002 apud ROSEMBERG, MARIANO, 2010).

A socialização proporciona a interação da criança com o mundo exterior, criando estruturas conscientes. Para entender o significado de infância hoje é necessário retornar ao conceito de socialização, questionado por correntes que estão interligadas ao campo da Educação e da Sociologia (BELLONI, 2007).

Assim, é necessário considerar a infância como um agrupamento de vários conjuntos que são provenientes de material heterogêneo como biológicos, sociais, culturais, educacionais, tecnológicos, entre outros. Nesse aspecto, a infância é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo e necessita de leis que proporcionem a sua eficácia e eficiência tanto familiar como social (PROUT, 2005 apud BELLONI, 2007).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 SEXUALIDADE INFANTIL

O termo sexualidade geralmente é associado ao sexo. Contudo, ultrapassa essa visão, pois é observável a organização de uma subdivisão que se inter-relaciona entre si como a Biologia, Psicologia e os aspectos sociais. Em 2002, um grupo de consultores técnicos da Organização Mundial de Saúde (OMS), definiu sexualidade como “Um aspecto central do ser humano durante toda sua vida que abrange o sexo, as identidades e os papéis de gênero, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução” (AMARAL, 2007, p. 3).

Assim, observa-se que a sexualidade é experimentada e expressada nos pensamentos, nas fantasias, nos desejos, na opinião, nas atitudes, nos valores, nos comportamentos, nas práticas, nos papéis e nos relacionamentos. E, muito embora possa incluir todas essas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressadas. Então, a sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, cultural, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002 apud AMARAL 2007).

No decorrer da história da humanidade, a concepção e forma de tratamento da criança mudou, de acordo com o pensamento da época e práticas que se organizavam em torno dela. A criança não possuía um papel significativo na sociedade e o adulto lançava sobre ela, uma perspectiva que desconsiderava sua condição infantil. No século XIX, criou-se uma forma de valorização da criança nas relações familiares, em que foi instituída uma nova organização. O pai protegia materialmente, enquanto a mãe conduzia os filhos na educação inicial (CAMARGO, 1999 apud LEÃO, MUZZETI, REIS, 2014).

Foucault (1973), no primeiro volume do livro "História da sexualidade: a vontade de saber", considerou a existência da sexualidade presente na cultura e levantou a hipótese de que falar sobre sexo é institucionalizar e controlar quem fala para quem fala. Descreveu que, a partir do século XVIII, a masturbação de crianças era entendida como uma doença. Durante anos, a sexualidade foi compreendida como uma problemática na sociedade, e a cultura transmitida instalou a ideia de que o corpo era relacionado entre pecado e carne. Na sociedade contemporânea, os profissionais que trabalham com sexualidade humana, herdaram a hipótese de Foucault, quanto à necessidade de manter a atenção em relação à produção, propagação e limitação desse assunto (CAMARGO, 1999 apud LEÃO, MUZZETI, REIS, 2014).

A epistemologia genética de Piaget (1970) alicerçou outras pesquisas, entre elas, a de Jagstaidt (1987), que demonstrou por meio do trabalho exercido na Suíça e na França, que a criança constrói suas suposições sexuais, baseada no estágio de desenvolvimento cognitivo e afetivo. Sua teoria, atribuiu ao inconsciente, devido a sua história pessoal e singular. O resultado de Jagstaidt (1987) apresentado na sua obra "A representação do mundo na criança" (1926) discorre que as crianças que se encontram na mesma faixa etária, atentam-se às mesmas representações, ou seja, exercem suas expressões do mundo, a partir das informações que receberam do adulto (RIBEIRO, 1996). Nesse contexto, a sexualidade para as crianças era interpretada como assimilação às suas próprias ações (quatro anos); assimilação às suas funções próprias (cinco e seis anos); assimilação ao real manipulável (sete e oito anos) e assimilação ao real observável (nove aos 11 anos) (JAGSTAITD, 1987 apud RIBEIRO, 1996).

Freud (1905) em seu livro "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", que na época gerou um forte impacto, percebeu que o recém-nascido apresenta o reflexo da sucção ao manter o contato da sua mucosa bucal com o seio materno. Considerou que ao saciar o apetite sugando o peito, sorrir e dormir profundamente, reconhece-se a expressão da satisfação sexual que o sujeito conhecerá mais tarde (FREUD, 1973). Essa ideia escandalizou o

pensamento da época; contudo Freud (1973) não se referia ao prazer concedido aos órgãos genitais e, sim, ao prazer oral e das etapas de desenvolvimento até a atividade sexual. Explica que a criança descobre que o contato do seu dedo com a boca proporciona um certo prazer e chamou esse contato de erotismo, nomeando como a primeira evidência da sexualidade de uma pessoa.

Outro conceito sobre sexualidade que foi elaborado por Freud é o de libido, que segundo a Psicanálise significa "energia" (AMARAL, 2007). A libido é responsável pela movimentação do impulso da vida e dá um espaço ao impulso sexual. A libido localiza-se em várias partes do corpo, podendo aumentar ou diminuir a sua intensidade, dividindo-se nas fases oral, anal, fálica, latência e genital. Na fase oral, a libido está localizada na mucosa da boca e acordo com o desenvolvimento da criança, ocorre transferência para as outras partes do corpo, formando assim as zonas erógenas. A fase anal ocorre quando a criança tem aproximadamente dois anos e possui controle dos esfíncteres. Esse controle proporciona o sentimento de produzir coisas suas, que é apresentado pela liberação e contenção das fezes. A fase fálica, inicia por volta dos quatro anos e é onde a criança percebe a diferença entre os sexos, sucede a "descoberta" da genitália, toca seu próprio sexo e do coleguinha ao mesmo tempo e se preocupa em saber como é o corpo do adulto. A fase da latência ocorre entre os seis aos 11 anos, prioriza a inatividade do impulso sexual. A fase genital tem o seu princípio na adolescência e permanece durante a fase adulta (FREUD, 1973 apud AMARAL, 2007, p. 6)

A sexualidade na infância envolve diretamente a relação afetiva entre a criança e seus cuidadores. Dessa forma, ela internaliza a presença maternante de seus pais e cuidadores. É necessário que os adultos deem um contorno simbólico e afetivo ao perceberem a excitação física desorganizada da criança. Segundo Ferenczi (1980 apud ABU, SILVIA, 2008), psicanalista húngaro contemporâneo de Freud, escreveu em 1933, "Confusão de línguas entre o adulto e a criança" quando relatou de forma explícita o ponto contraditório entre o mundo adulto, que destaca a sexualidade genital

e a paixão. enquanto o mundo infantil é definido pela ternura. O objetivo do autor não é desconsiderar a paixão da criança, mas enfatizar que ao seduzir o adulto, ela busca ocupar um lugar de reconhecimento e amor perante esse. O adulto deve interpretar e corresponder a necessidade de amor infantil através desse viés, deixando de lado a visão da sexualidade adulta ao se relacionar com a criança.

3 EROTIZAÇÃO INFANTIL E A MÍDIA

As mídias conquistaram um papel de destaque na sociedade, é visível o seu potencial de formar as consciências, por meio das suas mensagens que são transmitidas aos telespectadores de diversas maneiras (redes sociais e tv) Na cultura infantil, a mídia torna-se pertinente a tal ponto de ocupar o lugar das instituições (família, escola, igreja), ao fornecer elementos construtores da identidade, estimulando precocemente as crianças a despertarem para o campo da erotização, através de valores, comportamentos, danças, novelas e roupas que ampliam esse horizonte, fornecendo fundamentos formadores de identidade (KELLNER, 2001 apud FERREIRA, 2007).

Através da intermediação do grupo familiar, as crianças criam uma percepção das mensagens midiáticas à sua maneira. Sendo assim, constroem seu imaginário, envolvendo ficção com realidade, super-heróis, princesas, e catástrofes existentes com violência fictícia. A televisão é acessível financeiramente, por isso a sua presença cotidiana envolve a maioria das crianças do planeta. As crianças atribuem poder aos personagens que a televisão apresenta e, ao mesmo tempo, estabelecem um vínculo afetivo (BELLONI, GOMES, 2008 p. 718-723). Sendo assim, os programas televisivos que apresentam mulheres desnudas em poses e danças sexuais possuem um poder influenciador que aos olhos infantis possibilita aos pequenos imitarem os sujeitos, seu comportamento, a maneira de falarem e se vestirem, que aos poucos são agregados como valores no mundo imaginário.

Essa influência midiática no seio familiar, muitas vezes, passa despercebida, ou não, por pais e responsáveis (FIGUEIREDO et al., 2009 apud LEÃO, MUZZETI, REIS, 2014).

As ferramentas que contribuem para o favorecimento das mídias que, por meio de propagandas em revistas, jornais, outdoors e na internet, favorecem-se do erotismo infantil para propagarem a divulgação e venda de produtos, como roupas, brinquedos como uma súplica explícita à sexualidade (BORGES, 2004, apud LEÃO, MUZZETI, REIS, 2014).

A criança é estimulada a imitar a sexualidade adulta, sem amadurecimento psicológico para isso. Como consequência, estudos indicam que o excesso de excitação pode diminuir o interesse e a capacidade para se concentrar, refletir, para se sentir capaz, e desenvolver saudavelmente a sua identidade. Este estímulo impedirá a criança de vivenciar experiências lúdicas fundamentais para o progresso da imaginação e formação no convívio afetivo entre outras crianças (SBORQUIA, 2002).

Nesse contexto, é possível no cotidiano, encontrar crianças que interpretam cenas românticas de filmes e novelas, danças eróticas, afirmando que já beijaram na boca, estão apaixonadas e possuem namorados. Algumas, a partir dos sete anos, já demonstram uma compreensão distorcida em relação ao ato sexual e compreendem que tal ato é para gerar um bebê (SOBRAL, 2014).

Segundo Cezimbra (1999), a abundância de estímulo sexual poderá gerar um efeito contrário na puberdade. Dos cinco aos doze anos, as questões da sexualidade permanecem submersas, para que a criança possa desenvolver os princípios em relação à estética, raciocínio matemático, letras, interação social e jogos, entre outros.

Para compreender a evolução da mídia e o papel influenciador na sociedade, é necessário revisar seu processo histórico. Pesquisas nos Estados Unidos e na Inglaterra, abrangendo a repercussão do relacionamento entre mensagem e audiência, com intuito de verificar a persuasão da mídia perante a sociedade (RILEY JR, RILEY, 1971), demonstraram o desenvolvimento histórico e sua evolução tecnológica através dos instrumentos de comunicação (TV,

rádio, novelas, internet). Outra linha de pesquisa se preocupou com o nível de audiência nos programas televisivos e radiofônicos. Segundo Herzog (1944 apud COHN, 1971), em relação às novelas, ouvintes e não ouvintes foram assemelhados nos aspectos social, grau de interesse intelectual, assuntos públicos, autosssegurança e a extensão das preocupações do momento.

Observou-se que a criança não possui capacidade de distinguir o que é certo ou errado para sua formação. Por isso, é necessário maior atenção por parte dos pais ou cuidadores à programação dos canais de televisão ou acesso a redes de sociais, pois a criança ao assistir a cenas eróticas, por exemplo, é levada pela curiosidade e/ou imitação, e tende a reproduzir o que vê, percebe e escuta como adequado a si e se fizesse parte da sua realidade (LINN, 2006 apud FERREIRA, 2007).

3 CONCLUSÃO

Esta pesquisa abordou o papel influenciador da mídia e suas consequências na formação da erotização das crianças. Pôde-se constatar que existe ausência de ética na exposição dos conteúdos que erotizam e adultizam as crianças, nas diversas campanhas publicitárias infantis que possuem o objetivo de manter o público infantil fiel às tendências que são apresentadas.

Foi também verificada a ausência dos pais, no acompanhamento dos filhos diante da exposição à mídia, deixando assim, que a mensagem transmitida por esses meios se transforme em “verdade absoluta”, dessa maneira, prejudicando o desenvolvimento psicossocial, psicosexual e cognitivo dos filhos.

Com base nesta revisão de literatura apresentada, sugere-se novos estudos envolvendo crianças, adolescentes e os pais, além de maior esclarecimento, conscientização e prevenção por parte dos meios públicos, educacionais e sociais, pois sem um controle e conscientização, a influência das mídias no processo e erotização infantil tenderá a reflexos futuros, que

poderão marcar de forma significativa cognitivamente negativa, a vida dos futuros adultos da sociedade digital.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Vera Lúcia do. Psicologia da educação. Natal, RN: EDUFERN, 2007. 208 p.: il.

ABU, Jamra Zornig, SILVIA, Maria. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões Psicologia em Estudo, vol. 13, núm. 1, enero-marzo, 2008, pp. 73-77. Universidade Estadual de Maringá Maringá, Brasil.

BEEN, Helen; BOYD, Denise. A criança em desenvolvimento. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BELLONI, Luiza Maria. Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 25, n. 1, 57-82, jan./jun. 2007

BELLONI, Luiza Maria; GOMES, Nilza. Infância, Mídias e Aprendizagem: autodidaxia e colaboração. Educação e sociedade. Campinas, vol. 29, n.104- Especial, p. 717-746, Out. 2008.

CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL, CREI: Infância. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/glossario/infancia>>. Acesso em: 10 jul. 2017

CEZIMBRA, M. Comportamento: a erotização precoce da infância. O Globo. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1999.

COHN, Gabriel. Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e "cultura de massa" nessa cidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

FERREIRA, Fernanda Mayra, Infância e Mídia: reflexões sobre produtos culturais para crianças Contrapontos. v. 7, n. 2, p. 645-656.- Itajaí, set/dez 2007.

LEÃO, Andreza; MUZZETI, Regina; REIS, Fernanda. A Sexualidade e infância: contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em

veículos midiáticos. Revista Contrapontos – Eletrônica. v. 14, n. 3, set-dez 2014.

MARIANO, Carmem; ROSEMBERG, Fúvia. A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões. Cadernos de Pesquisa, v. 40, n.1 41, set./dez. 2010.

PAPALIA, Diane.; FELDMAN, Ruth Duskin; MARTORELL, Gabriela. Desenvolvimento Humano. 12ª. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PAPALIA, Diane E; WENDKOS, A. O mundo da criança: da infância a adolescência. 2. ed. Itaim Bibi -SP: Makron Books, 1998.

ROSEMBERG, Fúlvia S.; MARIANO, Lúcia. A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões. Cadernos de Pesquisa, v. 40, n. 141, p. 693-728, set./dez. 2010 São Paulo-SP.

RIBEIRO, Cláudio. A fala da Criança sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o culto. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

SBORQUIA, Silvia Pavessi Rev. Bras. Cienc. Esporte. Campinas, v. 23, n. 2, p. 105-118, jan. 2002.

SOBRAL, Jacqueline. Mídia, infância e cotidiano: a ressignificação de conteúdos eróticos e sexuais por crianças em contextos populares. Ponto-e-vírgula 16 São Paulo-SP.

Sobre o(s) autor(es)

*Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), Campus de Videira. Email: ir.paularosa@hotmail.com

**Psicóloga. Especialista em Análise Bioenergética e Psicoterapia Corporal ORGONE. Pós-graduação em Administração de Recursos Humanos UNIVALI. Mestre em Psicologia UFSC. E-mail: taisa.demarco@unoesc.edu.br

*** Psicóloga. Especialista em Psicologia do Desenvolvimento: Atenção à Criança e ao Adolescente pela UNOESC. Mestre em Educação pela UNOESC. E-mail: fabiana.dagostini@unoesc.edu.br

**** Professor de curso de Psicologia. Unoesc Videira. PhD em Ciência do Movimento Humano pela UDESC. Doutor em Psicologia pela UFSC. Pesquisador associado ao Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS/UFSC) e Psicologia do Esporte (LAPE/UDESC). E-mail: adriano.s@unoesc.edu.br